REGISTROS BIOGRÁFICOS

Adolfo Caminha: de Aracati para a literatura nacional

JUAREZ LEITÃO*

Em 1º de janeiro de 1897, aos trinta anos de idade, morria numa casa humilde do Rio de Janeiro o romancista cearense ADOLFO CAMINHA. Publicara 8 livros: Um livro de versos, 2 novelas, 3 romances, uma crônica de viagem e uma reunião de artigos de crítica literária.

A sorte não se mostrara generosa para com esse moço de Aracati que, talentoso e cheio de firmeza, vivera de enfrentamentos, sem medo, sem titubeios, sem recuos, apostando nas cartas de suas crenças e caminhando, resoluto, pelas estradas que elegeu como verdade.

Órfão aos dez anos, sua história poderia repetir o roteiro peregrino de outros meninos cearenses que saem pelo mundo afora na procura de um tempo melhor, de mais água, de menos dúvidas, de mais sorte, de menos dor, como faria depois outro nosso conterrâneo, Eleazar de Carvalho, que também "sentou praça" na Marinha e de lá saltou para os palcos dos grandes teatros, regendo orquestras e sinfônicas internacionais.

E o jovem Caminha era aquilo que os pais de jovens casadouras costumam chamar de "um moço de futuro", pois que, aos 21 anos, já era oficial da Marinha.

Mas aquele marinheiro cearense era muito mais do que um promissor. Gárrulo e cheio de ideias, ele também queria fazer a história. Antiescravagista num tempo de escravidão, republicano num governo imperial, libertário exaltado entre convenientes, imprudente e impetuoso, ao ponto de ter afrontado, quando ainda aluno, a presença do imperador Pedro II, em certa cerimônia, proferindo diante das barbas reais um discurso de defesa da república.

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Desde os 13 anos na Armada, guarda-marinha aos 18, correu mundo a partir de então, conhecendo as Antilhas e várias cidades dos Estados Unidos. Vocacionado para a literatura, concebia versos enquanto navegava, na cumplicidade da grande solidão humana que costuma dar voz aos emotivos, publicando aos 19 anos um folheto de 40 páginas nomeado humildemente de *Voos Incertos.*

Aos 20 anos publicou duas novelas: *Judite* e *Lágrimas de um crente*, e um conto, onde condenava a prática dos castigos corporais na Marinha, a malfadada Lei da Chibata.

Em 1888 estava no Ceará, como segundo tenente, e então começa a viver os momentos de maior turbulência emocional de sua vida .

Frequenta os guetos da província, as reuniões do clube republicano, os cafés da praça do Ferreira, os redutos vanguardeiros, participando da Padaria Espiritual, um movimento literário inovador e revolucionário que precedeu em 30 anos a Semana de Arte Moderna de São Paulo.

E, aí, conhece o amor, sob a forma de uma paixão diluviana, e, ao seu gosto, proibida, adúltera e cheia de riscos. O tenente conquista Isabel, a mulher de um oficial do exército, e com ela vai viver, desafiando a moral da província que se levantou, puritana e ofendida, contra o desarvorado marinheiro.

Ah, santa audácia dos apaixonados!

Ah, coragem cega e medonha, que cercada por todos os laços de pressão da rancorosa ética consuetudinária, se agiganta, esplêndida e desnudada, para os olhares do espanto aldeão.

A paixão é o país dos destemidos. Ninguém pode medi-la, ninguém pode julgá-la estando ausente de seu território.

Não há como desviar-se de seu destino inexorável, mesmo quando são pressentidos a desdita, a penúria, o infortúnio, o abismo.

Circulando naquele ambiente hostil e traiçoeiro, o petulante Adolfo se arma para os desafios. Não aceita a transferência, arranjada pelo presidente da província com o ministro da Marinha. Querem separá-lo de Isabel, metê-lo num navio que ia para a Europa e, assim, apaziguar os brios da província feridos pelo escândalo.

O tenente renuncia à carreira militar e mais uma vez surpreende por sua opção amorosa, cancelando aquilo que os pobres de espírito chamam de futuro brilhante.

Mal sabem os comedidos que o futuro dos apaixonados é o próximo abraço, o beijo úmido e o fogo onde logo mais queimarão ao sopro do delírio.

Sem a farda e com um humilde emprego de escriturário permanece em Fortaleza até o fim do ano de 1892, enfrentando os murmúrios, a inveja e a indisposição das famílias, do poder e do clero. Enquanto isto, preparava a vingança literária, criando o romance com que retrataria as entranhas morais da sociedade cearense.

De volta ao Rio de Janeiro, transferido, insere-se na vida cultural da capital da República, militando no jornalismo e se *acompanheirando* de figuras ilustres da literatura da época, como Machado de Assis, Artur e Aluísio de Azevedo, Cruz e Sousa , Olavo Bilac, Raul Pompéia e Valentim Magalhães.

Começa, então, a publicar seus romances e ensaios: A NORMALISTA, (escrito em Fortaleza), sai em 1893; o BOM CRIOULO, em 1895, e A TENTAÇÃO, de 1896, que ele não chegaria a ver publicado. NO PAÍS DO IANQUES é de 94 e CARTAS LITERÁRIAS, de 95.

Para Adolfo Caminha se poderia atribuir o pensamento da escritora americana Patrícia Highsmith, que diz: *"Não tenho tempo para a religião, não acredito na sorte, sou mais o acaso. Acho artificial e tediosa a alegação do público por justiça, uma vez que nem a vida, nem a natureza se importam com ela."*

Malsinado pelo acaso adverso e injusto e moldado num temperamento especial este grande escritor cearense uniu um talento espontâneo à mordacidade e à intransigência, optando por ferir o cinismo social de frente, deixando-o sem uma arma lógica, sem o recurso ardiloso da cavilação, obrigado pela atitude viril do romancista a dar patadas e coices, a se mostrar grosseiro e truculento.

Caminha foi um denunciador social.

Teve a coragem de denunciar a tortura na marinha, a patifaria política, o falso pudor das famílias, o tráfico de influência e, coragem maior, de tocar num tabu bíblico, o homossexualismo, mostrado sem rancor e sem julgamento no BOM CRIOULO.

Filiado ao naturalismo, apresenta uma visão determinista do comportamento humano, desviando-se das explicações transcendentes e piegas, que recrudesciam na decrepitude do romantismo.

Não é um quixote trágico a trespassar carneiros em combates delirantes. Anda na plena consciência da repercussão de suas atitudes e tem a certeza da resposta social violenta e arrasadora. Mas não recua. Sai em campo aberto para o exercício de suas afoitezas. Não é, pois, apenas um corajoso: é um temerário.

Em 1997, decorridos cem anos da morte do autor, foi lançada a primeira edição cearense de A NORMALISTA. A província absolvia, finalmente, Adolfo Caminha.

Um livro que deveria ser lido pelo Ceará.

Como testemunha, retrata a Fortaleza do final do século 19, acanhada, modesta, horizontal, onde todos se conheciam e se podia atravessar toda a cidade a pé, sem cansaço.

As ruas tinham denominações de circunstância, como Rua do Trilho, onde decorre o romance. Ou nomes românticos como o Beco das Almas, a Rua Formosa e o Caminho do Outeiro, em que se movimenta um povo simples e aparentemente pacato, mas sujeito, como em todas as épocas, às vicissitudes e oscilações da natureza humana.

Mas o livro é ácido em seus objetivos de revanche. Não foi feito para celebrar a modorra provinciana. Pelo contrário: procura desembrulhar a sociedade de seu crepom de inocência enganosa, retratando-a em seu verdadeiro elemento, o cinismo dissimulado, as patranhas, os cometimentos submersos... desestabilizando a harmonia montada em oratórios conspurcados e em ladainhas recitadas antes e depois das peraltices pecaminosas.

Seu universo é o enfoque do funcionamento social: o poder político, a posição econômica, a argúcia, a intriga, a razão e a desrazão, o escárnio, a malfeitoria, o remorso, a maledicência, a ingenuidade e a ignorância.

A narrativa é compulsiva e ao mesmo tempo clara e incisiva, reproduzindo a oralidade da época, sem virtuosismo ou perseguição da excelência estética, com criação pequena, posto que se coloca na predisposição do retrato, juntando o literário ao factual.

Caminha consegue capturar os fragmentos do cotidiano da aldeia, os olhares por sobre os muros baixos, os falares e sentires de uma gente miúda e acovardada por medos atávicos e desejos mal resolvidos.

A intenção de simbologia do romance não está no personagem da normalista Maria do Carmo, mocinha tola e sonsa, de sensualidade disfarçada, objeto da ação incestuosa do padrinho. O escritor naturalista se realiza é quando esculpe João da Mata, em sua asquerosidade abissal, dentuço, amarelo hepático, nojento, mesquinho, velhaco, corrupto, desconfiado, bisbilhoteiro, sem nenhum sentimento cívico ou ético, pusilânime e tarado.

Na leitura de A NORMALISTA entramos pelos becos e ruas da velha Fortaleza e reencontramos esse cearense audaz que tem a estranha fala da franqueza. É certamente um ser heterodoxo para os nossos dias, pois conseguiu produzir a homologia entre o que escreveu e o que viveu.

Não foi um daqueles impetuosos literários cuja afoiteza se restringe às margens do papel: Viveu da paixão humana em todas as suas latitudes e a retratou com as cores fortes da experiência, na dor, no recalque, na doença, no amor, na perplexidade, no fardo da opressão, nos voos e nas quedas, na mágoa e no fascínio.

Passou pela vida como um guerreiro nordestino de facão amolado, faiscando em sua danação, nas variantes da inconsequência.

E com a mesma pedra que usou para quebrar vidraças produziu um fogo que permanece vivo iluminando o nosso acanhamento. Um fogo de que ele é o dono, o Prometeu.

Adolfo Caminha morreu antes de completar trinta anos, pobre, tísico e quase só, como bem descreveu o poeta e ensaísta Sânzio de Azevedo em brilhante discurso na Academia Cearense de Letras. Foi sepultado numa cova que depois não pode ser mais identificada.

Não conseguira esperar pela publicação de seu romance TENTAÇÃO que estava no prelo, não conseguira esperar pelo fim da Guerra dos Canudos, onde um outro cearense radical, Antônio Conselheiro, enfrentara sem se render quatro exércitos do governo.

Também não pode esperar pelo soro de Vital Brasil contra veneno de cobra, que talvez fosse, outrossim, um antidoto eficaz contra a hipocrisia e a traição peçonhenta, descoberto em 88, ano em que também nasceria esse anjo negro da ternura nacional que viveria de fabricar encantos ao soprar chorinhos em sua flauta doce, o Pixinguinha.

Paciência. Vivemos de ganhar e de perder, até mesmo o que nunca tivemos.

***